

A ressurreição de Jesus: sua historicidade e valor apologético

Djesniel Stheieny Krause¹

Resumo: A pesquisa do Jesus histórico tem sua origem no século XIX, passando, desde então, por três fases, chamadas de antiga busca, nova busca e terceira busca do Jesus histórico. Atualmente, na terceira busca, os evangelhos são considerados fontes dignas de informações relevantes sobre a vida e obra de Jesus. A grande maioria dos estudiosos aceita, independentemente de suas crenças pessoais, que Jesus existiu enquanto figura histórica, morreu crucificado, foi sepultado, seu túmulo foi encontrado vazio por um grupo de mulheres e os discípulos passaram a acreditar sinceramente terem tido experiências com o Jesus ressurreto. Diante destas informações, alguns autores propuseram teorias naturalistas para explicar dos dados aceitos, porém todas elas falham em algum sentido. A partir de uma inferência à melhor explicação, a ressurreição de Jesus é a melhor hipótese explicativa para elucidação das evidências disponíveis atualmente.

Palavras-chave: Apologética. História. Ressurreição. Novo Testamento

Abstract: The search for the historical Jesus has its origins in the 19th century and has since gone through three phases, called the old search, the new search and the third search for the historical Jesus. Currently, in the third quest, the gospels are considered worthy sources of relevant information about the life and work of Jesus. The vast majority of scholars accept, regardless of their personal beliefs, that Jesus existed as a historical

¹ Djesniel Stheieny Krause é bacharel em Administração pela Universidade da região de Joinville – UNIVILLE, bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Internacional – UNINTER, possui MBA em gestão de pessoas pela Anhanguera Educacional, pós-graduação em Teologia, Bíblia e Missão e em Revitalização de Comunidades pela Faculdade Luterana de Teologia – FLT. É membro do conselho sinodal do Sínodo Norte Catarinense da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB, bem como conselheiro distrital da Missão Evangélica União Cristã - MEUC. Email: djesniel@yahoo.com.br.

figure, died crucified, was buried, his tomb was found empty by a group of women, and the disciples sincerely believed they had had experiences with the resurrected Jesus . Given this information, some authors have proposed naturalistic theories to explain the accepted data, but all of them fail in some sense. From an inference to the best explanation, the resurrection of Jesus is the best explanatory hypothesis for elucidating the evidence currently available.

Keywords: Apologetics. History. Resurrection. New Testament.

Introdução

Em uma era de secularização, onde o cristianismo tem sido atacado e desafiado a cada dia, principalmente nas universidades brasileiras, faz-se necessário uma abordagem apologética das verdades centrais do cristianismo, em especial, da existência histórica da figura de Jesus Cristo, bem como sua ressurreição corporal dos mortos.

O presente trabalho visa demonstrar e analisar as evidências históricas que atestam a veracidade e historicidade das alegações neotestamentárias a respeito da ressurreição de Jesus, bem como seu valor apologético na tarefa da evangelização.

O trabalho tem como objetivo geral, demonstrar a possibilidade de uma defesa persuasiva para o cristianismo em contextos hostis à fé, em especial no que diz respeito a críticos que colocam em dúvida as alegações sobre a ressurreição de Jesus.

A fim de alcançar este objetivo, foi analisado, a partir da pesquisa bibliográfica, o desenvolvimento da pesquisa do Jesus histórico, verificado os dados universalmente aceitos pelos estudiosos, acerca da vida de Jesus enquanto figura histórica; também foram mencionadas as principais teorias naturalistas que buscam explicar os dados aceitos, e por fim, demonstrado que a ressurreição de Jesus representa a melhor hipótese explicativa das evidências disponíveis atualmente.

Tal envolvimento com a pesquisa histórica por parte de cristãos comprometidos se faz necessária, para que a verdade e factualidade da ressurreição de Jesus como fato histórico seja defendido com veemência nos círculos acadêmicos, e assim o cristianismo permaneça sendo uma opção intelectualmente viável para homens e mulheres que valorizam a razão.

1. A Ressurreição de Jesus

A pesquisa do Jesus histórico é um tema de extrema importância para a teologia cristã, tal importância se acentua ainda mais quando considerados os desafios impostos pela secularização que ocorre nas universidades, bem como a islamização do continente europeu e americano.

De acordo com o estudioso do Novo Testamento, Giuseppe Segalla, “A questão do Jesus histórico, na realidade, é tão antiga quanto são antigos os evangelhos”. (grifo do autor) (SEGALLA, 2013, p. 18)

Entretanto a assim chamada Busca do Jesus histórico tem seu início no século XIX e se desenvolveu desde então.

Craig Evans, professor de Novo Testamento no Acadia Divinity College discorre com maestria a respeito do desenvolvimento da pesquisa do Jesus histórico, em suas palavras:

A antiga “Busca do Jesus Histórico” (às vezes, denominada “busca do século 19”), foi lançada quando acadêmicos começaram a questionar as intenções de Jesus. Os escritos de Hermann Samuel Reimarus, publicações póstumas (1774-1778), defendiam que Jesus tentara se estabelecer como rei político terrestre de Israel. A tese provocante levou a novas leituras críticas dos Evangelhos. As reviravoltas da antiga “Busca” foram comentadas e avaliadas com eloquência por Albert Schweitzer, com o que se tornou, ele mesmo, um clássico: *The Quest for the Historical Jesus*. O surgimento da crítica formal nos anos de 1920, cujos primeiros praticantes pensavam que grande parte do material dos evangelhos não fosse derivada de Jesus, mas tivesse origem na igreja, levou muitos a abandonar tal Busca; foi considerada historicamente impossível – e teologicamente ilegítima, conforme alguns teólogos. Mas uma Nova Busca, procurando encontrar a ligação entre o Jesus histórico e o “Cristo da fé”, foi iniciada na década de 1950; depois ainda, na década de 1980, veio outra fase, agora chamada de “Terceira Busca”. (grifo do autor)(EVANS, 2009, p. 205)

A respeito da primeira busca, H. Wayne House afirma:

“A primeira busca tentava encontrar evidências nos evangelhos que confirmassem o conhecimento do Jesus histórico”. (HOUSE, 2009, p. 192)

Tal busca, entretanto, não obteve o êxito esperado.

Já a segunda busca do Jesus histórico, como comenta o mesmo autor, “teve início com a publicação do ensaio de Ernst Käsemann (1906-1998), aluno de Rudolf Bultmann, ‘The Problem of the Historical Jesus’ [‘O problema do Jesus histórico’], em 1954”. (HOUSE, 2009, p. 191)

A segunda busca “aceitava a distância inseparável entre fé e história, não estava interessada em confirmar o Jesus histórico; ao contrário, focava no Cristo querigmático, o Cristo pregado pela igreja” (HOUSE, 2009, p. 192)

Tal tendência, entretanto, causou uma desvalorização da realidade histórica de eventos centrais do cristianismo, tais como a ressurreição de Jesus.

E por último, sobre a terceira busca, Hayne House afirma:

A metodologia da terceira busca foi muito mais aperfeiçoada que a das duas anteriores. Agora, os estudiosos, usando técnicas modernas de pesquisa envolvendo um amplo cruzamento de disciplinas, buscam ligar Jesus de novo a seu cenário histórico. (HOUSE, 2009, p. 200)

William Lane Craig, que é, inquestionavelmente, um dos principais apologistas contemporâneos escreve sobre as oportunidades apologéticas que a igreja cristã tem, com o alvorecer da terceira busca, sem suas palavras:

A crítica bíblica está empreendendo uma nova busca do Jesus histórico que trata os evangelhos seriamente como fontes históricas valiosas para a vida de Jesus e tem confirmado as linhas principais do retrato de Jesus pintado nos Evangelhos. Estamos bem situados intelectualmente para ajudar a reformular a nossa cultura de maneira tal a recuperar o terreno perdido, para que o evangelho possa ser ouvido como uma opção viável para pessoas pensantes. Imensas portas de oportunidades estão abertas agora diante de nós. (CRAIG, 2012, p. 17-18)

Assim, pretende-se agora voltar a atenção ao principal e mais surpreendente evento histórico do cristianismo, a ressurreição de Jesus.

O físico e também sacerdote inglês John Polkinghorne escreve que “A ressurreição é o pivô sobre o qual gira a crença cristã. Sem ela, parece-me que a história da vida de Jesus e sua conseqüente continuidade não são completamente inteligíveis” (POLKINGHORNE, 2008, p. 85).

E o apóstolo Paulo escreve que “se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé” (1Co 15:14 In: BÍBLIA, 2012, p. 1089).

O filósofo e teólogo estadunidense William Lane Craig, já mencionado anteriormente, afirma ser possível construir uma defesa lógica e persuasiva pra a realidade da ressurreição de Jesus sobre três fatos históricos comumente aceitos pelos estudiosos, a partir de uma inferência à melhor explicação.

Segundo ele:

Parece-me que a defesa da historicidade da ressurreição de Jesus repousa sobre as evidências de três grandes fatos, estabelecidos independentemente um do outro: o túmulo vazio, as aparições depois da ressurreição e a origem da fé cristã. Se esses três fatos puderem ser confirmados e não se encontrar nenhuma explicação natural defensável para eles, estaremos justificados em inferir a ressurreição de Jesus como a explicação mais provável dos dados. (CRAIG, 2012, p. 345)

O túmulo vazio: primeiramente, é necessário certificar-se de que Jesus de fato existiu enquanto figura histórica, de fato foi morto, e de fato foi sepultado e não enterrado em uma vala comum, e proclamado ressurreto quando o corpo já não poderia mais ser reconhecido, ou o túmulo encontrado.

Quanto à existência de Jesus enquanto figura histórica, o agnóstico Barth Ehrman afirma de forma enfática que “não importa o que mais se diga sobre Jesus, é possível afirmar com alto grau de certeza que ele foi uma figura histórica”. (EHRMAN, 2014, p. 144)

A mesma coisa pode ser dita acerca de sua crucificação sob poder de Pôncio Pilatos.

É importante ressaltar que os judeus não esperavam um Messias que sofreria e morreria, muito menos que ressuscitaria, antes, os cristãos foram forçados a reinterpretar as profecias pela força dos fatos que testemunharam.

Alguém que fosse pendurado no madeiro era considerado maldito por Deus, isto se baseava no versículo 23, do capítulo 21 do livro de Deuteronômio, então, tiveram que desenvolver a ideia de um Messias sofredor.

Ehrman novamente comenta sobre isto, “uma vez que seria impossível alguém inventar um messias crucificado, Jesus deve realmente ter existido, realmente ter levantado esperanças messiânicas e realmente ter sido crucificado. Nenhum judeu o teria inventado”. (EHRMAN, 2014, p. 163)

Portanto, sabendo-se agora, que Jesus de fato existiu enquanto pessoa histórica e foi de fato crucificado, resta a factualidade de seu sepultamento.

Novamente Ehrman responde positivamente, “Jesus não foi apenas crucificado, foi sepultado”. (EHRMAN, 2014, p. 127)

É importante notar que o sepultamento de Jesus é atestado em múltiplas fontes independentes, redigidos em um período muito próximo dos próprios eventos, dos quais as principais fontes são os Evangelhos.

Quão antigas são as fontes que alegam a morte, sepultamento e ressurreição de Jesus?

Uma das fontes comumente citadas é o evangelho de João, datado na década de 90 d.C, sua autoria algumas vezes é questionada, Craig Blomberg comenta sobre isto:

Não há dúvida quanto ao nome do autor: era João mesmo [...] A questão é que não se sabe se foi João, o apóstolo, ou se foi outro. Segundo o testemunho de um escritor cristão chamado Papias, em aproximadamente 125 d.C., havia João, o apóstolo, e João, o ancião, mas o contexto não deixa claro se ele se referia a uma única pessoa de duas perspectivas distintas ou a pessoas diferentes. Fora essa exceção, todos os demais testemunhos afirmam unanimemente que foi João, o apóstolo, o filho de Zebedeu, quem escreveu o evangelho. (BLOMBERG. In: STROBEL, 2001, p. 29)

Se Jesus morreu em torno de 30 ou 33 d.C., então há um intervalo de cerca de 60 anos desde sua morte, sepultamento e ressurreição, até a composição do evangelho de João, e quanto aos outros evangelhos?

É interessante notar que nenhum dos evangelhos menciona a queda de Jerusalém e a destruição do templo ocorrida em 70 d.C., toda a sua trama se passava em Jerusalém, e a menção da destruição do templo seria uma confirmação da profecia de Jesus.

Essa consideração indica que os evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) foram todos escritos antes do ano 70 d.C.

Alguns críticos os datam posteriores ao ano 70 d.C. justamente por causa das profecias a cerca da destruição do templo, eles entendem que não é possível que houvessem profecias reais feitas por Jesus quanto ao futuro.

Isto reflete nada mais do que um preconceito antisobrenaturalista, que elimina automaticamente todo elemento sobrenatural das narrativas evangélicas.

Ehrman, que é agnóstico afirma:

Poderíamos ampliar o critério da dissimilaridade e alegar que, como o Templo foi na verdade destruído pelos romanos em 70 EC, nenhuma das previsões de Jesus pode ser seguramente atribuída a ele – isto é, cristãos posteriores colocaram previsões da destruição do Templo em sua boca para mostrar seus poderes proféticos. A maioria dos estudiosos, no entanto, considera essa visão um tanto radical, já que as previsões da destruição atendem, em diferentes níveis, a todos os critérios: a) atestação múltipla (Marcos, João, Atos e Tomé); b) dissimilaridade (ao menos em um aspecto a forma mais antiga desses ditos parece atender a esse critério, já que a alegação de Jesus em Marcos de que não sobriaria pedra sobre pedra não se concretizou, como você mesmo pode atestar visitando o Muro das Lamentações em Jerusalém hoje em dia. Alguém que soubesse realmente de todos os detalhes da destruição não inventaria esse verso); e c) tão importante quanto os outros, os ditos são contextualmente confiáveis. (EHRMAN, 2014, p. 315)

Ainda assim, os evangelhos podem ser datados ainda mais antigos do que os anos 70 d.C., mais uma vez, Craig Blomberg faz um comentário pertinente a respeito do período de composição dos evangelhos:

Atos termina, aparentemente, sem uma conclusão. Paulo é a personagem principal do livro, e se encontra preso em Roma. É assim, abruptamente, que o livro acaba. O que acontece com Paulo? Atos não nos diz, provavelmente porque o livro foi escrito antes da morte dele. [...] Isso significa que o livro de Atos não pode ser posterior a 62 d.C. Assim, podemos recuar a partir desse ponto. Uma vez que Atos é o segundo tomo de um volume duplo, sabemos que o primeiro tomo – o evangelho de Lucas – deve ter sido escrito antes dessa data. E já que Lucas inclui parte do evangelho de Marcos, isto significa que Marcos é ainda mais antigo. Se trabalharmos com a margem aproximada de um ano para cada um, chegaremos à conclusão de que Marcos foi escrito por volta de 60 d.C., talvez até mesmo em fins da década de 50. (BLOMBERG. In: STROBEL, 2001, p. 43)

Assim, temos fontes independentes que foram escritas cerca de 30 anos de intervalo entre o evento em si e o registro, talvez um pouco menos, o que, em termos de história antiga, é um intervalo de tempo muito curto.

William Lane Craig nos lembra que no século XIX Julius Müller

desafiou os estudiosos de meados do século XIX a mostrar em qualquer lugar da história onde dentro do espaço de trinta anos uma grande série de lendas se acumulara em torno de um indivíduo histórico e se tornara firmemente assentada na crença em geral. O desafio de Müller nunca foi atingido. (grifo do autor)(CRAIG. apud HANEGRAAFF, 2005, p. 57)

Mas ainda pode-se recuar um pouco mais, o evangelho de Marcos, por um exemplo, que é o evangelho mais antigo, baseia-se em tradições ainda mais antigas.

O registro da descoberta do sepulcro vazio utiliza o termo “[...] no primeiro dia da semana [...]” (Mc 16:2 in BÍBLIA, 2012, p. 929), o que reflete uma tradição muito antiga, Craig afirma que:

Isto é confirmado por aspectos linguísticos da expressão em questão, pois apesar de ‘no primeiro dia da semana’ soar estranho em grego [...], empregando um número cardinal em vez de um ordinal e ‘sábado’ no lugar de ‘semana’, quando traduzida de volta para o aramaico parece fluir com naturalidade. Isso indica que a tradição do túmulo vazio não é uma lenda que se desenvolveu tardiamente. (CRAIG, 2012, p. 351)

A morte de Jesus, seu sepultamento, o túmulo vazio, sua ressurreição e posteriores aparições também são testemunhadas por Paulo em 1 Coríntios 15:3-5, que diz, “Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. E apareceu a Cefas e, depois, aos doze”. (1Co 15:3-5 In: BÍBLIA, 2012, p. 1088)

A passagem é na verdade um credo que Paulo recebeu, possivelmente quando se encontrou com Pedro e Tiago, em cerca de 36 d.C. ou até mesmo em Damasco, termos utilizados por Paulo como “vos entreguei o que também recebi” atestam que se trata de uma tradição, e o uso da palavra aramaica “Cefas” para designar Pedro, indica que trata-se de uma tradição muito primitiva.

Assim, tem-se uma tradição atestando a morte, sepultamento, ressurreição e aparições de Jesus, com apenas alguns anos de intervalo com os eventos em si, “o historiador clássico A. N. Sherwin-White argumenta que seria historicamente sem precedentes que se tenha desenvolvido lenda com essa rapidez”. (HANEGRRAFF, 2005, p. 56)

Outro dado que atesta o sepultamento de Jesus são os relatos que colocam José de Arimatéia, membro do sinédrio, como o dono do sepulcro, que o cedeu para Jesus, o que novamente, não teria sido inventado pelos primeiros cristãos, que não nutriam nenhuma afeição pelo sinédrio, responsável por entregar Jesus às autoridades romanas, além do mais, a informação poderia ser facilmente desmentida pelo próprio sinédrio, caso não houvesse de fato um José de Arimatéia, ou o mesmo não tivesse nenhuma ligação com o sepultamento de Jesus.

Como atestação de que o sepulcro de Jesus foi encontrado vazio no terceiro dia desde sua morte, menciona-se novamente a existência de múltiplas fontes independentes muito antigas, das quais a maioria já foi tratada anteriormente.

E sem um sepulcro vazio, a igreja jamais teria prosperado, conforme Wolfhart Pannenberg afirma, “sem existir um testemunho confiável do vazio deixado no túmulo de Jesus, a primeira comunidade cristã não teria sobrevivido em Jerusalém, proclamando a ressurreição de Cristo”. (PANNENBERG. apud MORELAND, 2013, p. 207)

Além disto, o relato da descoberta do sepulcro vazio, encontrada nos evangelhos coloca as mulheres como as primeiras testemunhas da ressurreição de Jesus, o que seria impensável para a cultura judaica.

William Lane Craig fala que “o testemunho das mulheres era considerado tão sem valor que elas não eram nem admitidas como testemunhas em um tribunal judaico”. (CRAIG. In: STROBEL, 2001, p. 288)

Louis Markos também tece seu comentário:

É muito estranho que os quatro Evangelhos insistam em que as primeiras testemunhas da ressurreição foram um grupo de mulheres, pois, naquela época e cultura, o testemunho feminino não era aceito no tribunal. Se os discípulos houvessem conspirado para fingir a ressurreição, eles não teriam empregado mulheres nesse papel. Eles teriam afirmado que um dos discípulos (digamos, Pedro ou João) ou um dos dois fariseus que acreditavam no testemunho de Jesus (Nicodemos e José de Arimateia) havia sido a primeira testemunha da ressurreição. Na verdade, há apenas uma explicação lógica para a insistência de que Maria Madalena e outras mulheres foram as primeiras pessoas a encontrarem o Cristo ressuscitado: foi como realmente aconteceu! (MARKOS, 2013, p. 205)

E por último, a mais antiga polêmica com os judeus pressupõe o túmulo vazio.

No livro de Mateus, pode-se ler que os judeus contrários a nova crença na ressurreição de Jesus insistiram em que os discípulos roubaram o corpo de Jesus.

E indo elas, eis que alguns da guarda foram à cidade e contaram aos principais sacerdotes tudo o que sucedera. Reunindo-se eles em conselho com os anciãos, deram grande soma de dinheiro aos soldados, recomendando-lhes que dissessem: Vieram de noite os discípulos dele e o roubaram enquanto dormíamos. Caso isto chegue ao conhecimento do governador, nós o persuadiremos e vos poremos em segurança. Eles, recebendo o dinheiro, fizeram como estavam instruídos. Esta versão divulgou-se entre os judeus até ao dia de hoje. (Mt 28:11-15 In: BÍBLIA, 2012, p. 906)

Nota-se que a discussão não se deu em torno se havia ou não um corpo no sepulcro, e sim o que aconteceu com o corpo que deveria estar no sepulcro, mas não estava.

Segundo Craig, “A própria polêmica judaica mostra que o túmulo estava vazio. Isso é evidência histórica da mais alta qualidade, pois não vem dos cristãos, mas dos próprios inimigos da fé cristã”. (CRAIG, 2012, p. 354)

E já João Crisóstomo, no século IV afirmou que as afirmações dos judeus de que os discípulos haviam roubado o corpo de Jesus possuía um grande valor apologético, segundo ele:

Pois de fato até isso demonstra a ressurreição, isto é, o fato de que eles disseram que os discípulos o roubaram. Essa é a linguagem de homens confessando que o corpo não estava lá. Portanto, quando eles reconhecem que o corpo não estava lá, demonstram que o roubo é falso e nada crível, por causa da vigilância, pelos selos e pelo temor dos discípulos, portanto a prova da ressurreição se mostra inquestionável. (CRISÓSTOMO. apud MCDOWELL, 2013, p. 508)

Assim, pode-se afirmar acima de qualquer dúvida razoável que o sepulcro de Jesus foi de fato encontrado vazio no domingo de manhã após a sua morte por crucificação.

Parte-se agora para a análise referente às aparições de Jesus após a sua morte.

Mais uma vez, existem diversos relatos independentes muito antigos, dos quais se pode citar os evangelhos e as cartas de Paulo, em especial 1 Coríntios 15:3-5, o qual, conforme

visto, trata-se de um credo muito primitivo, reportando a poucos anos após a morte de Jesus.

Acrescenta-se agora o verso 6, que diz “depois, foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora; porém alguns já dormem”. (1Co 15:6 In: BÍBLIA, 2012, p. 1088)

Por que enfatizar a aparição a mais de 500 pessoas?

Charles Dodd afirma que “dificilmente pode haver algum propósito em mencionar o fato de que a maioria dos 500 ainda está viva, a não ser que Paulo esteja dizendo: ‘As testemunhas ainda podem ser interrogadas’”. (DODD. apud CRAIG, 2012, p. 362)

Se o que Paulo escreveu não fosse verdade, o mesmo seria descartado no mesmo instante, não há outro motivo para Paulo mencionar uma quantia tão grande de testemunhas a não ser pelo fato de que elas realmente existiram, como N.T. Wright coloca, “eles poderiam ser interrogados e apresentar seus próprios relatos sobre o que viram e sabiam. A tendência global do parágrafo tem a ver com provas, com testemunhas sendo convocadas, sobre algo que efetivamente poderiam e dariam confirmação”. (WRIGHT, 2013, p. 458)

Outro dado surpreendente é a disposição dos discípulos para defenderem a nova crença na ressurreição de Jesus, ainda que com isto eles tivessem que enfrentar perseguição e morte, e isto já remete a origem da fé cristã.

Como sabiamente escreveu o filósofo e matemático Blaise Pascal, “Eu [acredito] naquelas testemunhas cujo pescoço é cortado”. (PASCAL. apud KELLER, 2015, p. 239), e foi precisamente isto que os primeiros cristãos enfrentaram: perseguição e martírio.

Chales Colson, que foi conselheiro do ex-presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, e foi preso pelo envolvimento no escândalo Watergate, faz uma interessante analogia com sua própria experiência:

Watergate envolvia uma conspiração para encobrir, perpetuada pelos auxiliares mais próximos do presidente dos Estados Unidos – os homens mais poderosos da América, profundamente leais ao seu presidente. Mas um deles, John Dean, tornou-se testemunha principal, ou seja, testemunhou contra o próprio Nixon, como ele mesmo disse, ‘para salvar a própria pele’ – e ele o fez apenas duas semanas depois de ter informado o presidente sobre o que realmente estava acontecendo – duas semanas! O verdadeiro encobrimento, a mentira, só pôde ser sustentada por duas semanas e, então, todo mundo pulou do barco para se salvar. Perceba o fato de que todos aqueles que rodeavam o presidente estavam enfrentando apenas constrangimento, talvez prisão. Ninguém teve a vida ameaçada. Mas e quanto aos discípulos? Doze homens sem poder – na verdade, camponeses – estavam enfrentando não apenas embaraço ou desgraça política, mas espancamentos, apedrejamento, execução. Todos os discípulos, sem exceção, insistiram até o último fôlego que tinham visto fisicamente o Jesus ressuscitado corporalmente dos mortos. Você acha que um desses discípulos teria fraquejado antes de ser decapitado ou apedrejado? Acha que algum deles faria um acordo com as autoridades? Nenhum deles fez. (COLSON. apud GEISLER; TUREK, 2006, p. 300)

É aceitável que ao longo da história homens e mulheres deram suas vidas por acreditar sinceramente em algo que posteriormente provou-se falso, porém deve-se enfatizar que tais mártires estavam convictos de suas crenças.

Assim, também os primeiros cristãos estavam convictos da realidade factual da ressurreição de Jesus, as pessoas jamais dão a sua vida por algo que sabem ser uma mentira.

Embora o primeiro grupo de cristão seja predominantemente de judeus, estes seguidores muito rapidamente abandonaram rituais centrais de sua cultura e religião, como os sacrifícios, também trocaram o sábado pelo domingo, e passaram a adorar a Jesus como Deus, apenas algo da proporção da ressurreição de Jesus faria uma mudança dessas.

Diante destes fatos, Gary Habermas conclui:

Praticamente todos os estudiosos, independentemente de crenças pessoais, advogam ou, pelo menos, admitem que Jesus morreu por crucificação romana e que os discípulos sentiram a perda dolorosa e experimentaram desilusão com essa morte. Admitem também que, mais tarde, o sepulcro de Jesus foi encontrado vazio. Em virtude de experiências que criam ser aparições do Jesus ressurreto, os discípulos foram transformados, chegando ao ponto de estarem dispostos a morrer pelo que criam. (HABERMAS. In: GEISLER; MEISTER, 2013, p. 300).

Deste modo, os três grandes fatos mencionados por William Lane Craig mostram-se verdadeiros, possibilitando a sua defesa para a veracidade da ressurreição de Jesus.

Como Charles Moule coloca, “se a vinda dos nazarenos à existência, um fenômeno inegavelmente atestado pelo Novo Testamento, cria um grande buraco na história, um buraco do tamanho e da forma da ressurreição, o que o historiador secular propõe para tampá-lo?” (MOULE. apud MORELAND, 2013, p. 232)

Ao longo dos anos, diversas hipóteses naturalistas foram propostas para tentar explicar estes fatos sem invocar a ressurreição de Jesus ou qualquer outra ação sobrenatural.

Pode-se mencionar a hipótese do túmulo errado, proposta por Kirsopp Lake em 1907.

A hipótese do roubo, que foi na verdade a primeira a ser proposta pelos opositores do cristianismo, logo após o início do anúncio da ressurreição.

A hipótese do desmaio, que alega que Jesus ainda estaria vivo ao ser retirado da cruz, e retomou suas forças enquanto esteve sepultado.

A hipótese da alucinação, que responde as aparições de Jesus alegando que os discípulos estavam tendo alucinações que os convenceram de que Jesus havia ressuscitado.

Todas as hipóteses naturalistas, entretanto, falham miseravelmente em algum ponto, quer seja pelo fato de o corpo permanecer no sepulcro, como no caso da alucinação, quer seja pela improbabilidade que apresentam, contrariando todas as evidências disponíveis que dizem respeito a sua morte, sepultamento e posteriores aparições.

Por fim, só resta uma opção viável, Jesus de fato ressuscitou dos mortos.

A ressurreição de Jesus explica com sucesso o túmulo vazio, as aparições de Jesus após a sua morte, bem como a origem da fé cristã e a sinceridade dos discípulos, que estavam dispostos a dar a sua vida pela sua nova crença.

John Polkinghorne afirma categoricamente, “estou convencido de que a convicção cristã de que ‘Jesus vive!’ é, de longe, a melhor explicação de como se sucedeu o fato de um pequeno grupo de seguidores desanimados e desiludidos se transformar naqueles que ‘revolucionaram o mundo inteiro’”. (POLKINGHORNE, 2008, p. 96)

É interessante notar também a conclusão de Sir Lionel Luckhoo, advogado que entrou para o Guinness como o advogado mais bem-sucedido do mundo, com 245 absolvições consecutivas, em suas palavras: “Digo de modo inequívoco que as provas da ressurreição de Jesus Cristo são tão avassaladoras que exigem que as aceitemos sem deixar absolutamente nenhum lugar para dúvidas” (LUCKHOO. apud STROBEL, 2001, p. 335).

Portanto, a partir de uma inferência à melhor explicação, através da análise da evidência disponível, conclui-se que Jesus existiu enquanto pessoa histórica, foi morto por crucificação sob poder de Pôncio Pilatos, foi sepultado em um sepulcro que pertencia a José de Arimatéia, ao terceiro dia o sepulcro foi encontrado vazio por um grupo de seguidoras suas, os discípulos tiveram experiências que acreditavam ser de encontros pessoais com o Jesus ressurreto mesmo com toda a predisposição para o contrário, eles tornaram-se evangelistas corajosos e destemidos que pregaram com fervor e muitas vezes deram suas vidas pela nova crença de que Jesus ressuscitou dos mortos; conclui-se, Jesus realmente ressuscitou dos mortos, e é, portanto quem afirmava ser: o Filho de Deus!

Conclusão

O presente trabalho optou pela defesa da veracidade histórica da ressurreição corpórea de Jesus, conforme descrito nos Evangelhos e crido pela igreja cristã desde o primeiro século.

O tema foi escolhido por sua relevância para o combate à secularização das universidades brasileiras, que sofrem uma verdadeira enxurrada de textos e conceitos ateístas, que degradam a imagem do cristianismo e questionam sua factualidade e confiabilidade.

Julga-se que o objetivo geral de demonstrar a possibilidade de uma defesa persuasiva para o cristianismo em ambientes hostis à fé foi atingido, uma vez que também os objetivos específicos foram completados.

Foi descrito, de modo breve, o desenvolvimento da pesquisa do Jesus histórico, que teve início no século XIX e se estendeu até o século XXI.

Também foram verificados diversos fatos históricos que são aceitos mesmo por historiadores céticos ou ateus, como Bart Ehrman, entre estes fatos, pode-se mencionar a existência histórica da figura de Jesus, sua morte por crucificação sob poder do império romano, seu sepultamento, e a crença posterior em sua ressurreição, por parte de diversos seguidores que estavam convictos de que tiveram encontros pessoais com o Cristo ressurreto.

Após, também se mencionou algumas hipóteses naturalistas que buscam explicar os dados universalmente aceitos pelos historiadores, sem, contudo, apelas para eventos sobrenaturais como a ressurreição dos mortos.

Por fim, foi demonstrado através da inferência a melhor explicação, que a ressurreição de Jesus é a melhor hipótese explicativa para os dados e as evidências disponíveis, pois todas as alegações naturalistas sofrem de graves problemas relacionados a sua plausibilidade e abrangência explanatória.

Uma vez que a existência de Deus é admitida, ao menos como logicamente possível, também é logicamente possível que Ele tenha intervindo na história humana e ressuscitado Jesus dos mortos, dando assim uma irrefutável evidência de que Ele realmente era quem afirmou ser: o filho de Deus.

Quanto à hipótese da existência de Deus, o tema pode ser tema de uma próxima pesquisa.

Referências

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada com reflexões de Lutero. Versão Almeida revista e atualizada, 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

CRAIG, William Lane. Apologética contemporânea: a veracidade da fé cristã. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2012.

EHRMAN, Bart D. Jesus existiu ou não? Rio de Janeiro: Agir, 2014.

EVANS, Craig. O Jesus fabricado: como os acadêmicos atuais distorcem o evangelho. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

GEISLER, Norman L; MEISTER, Chad V (Ed.). Razões para crer: apresentando argumentos a favor da fé cristã. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

GEISLER, Norman L; TUREK, Frank. Não tenho fé suficiente para ser ateu. São Paulo: Editora Vida, 2006.

HANEGRAAFF, Hank. Ressurreição: uma poderosa defesa do principal acontecimento do Cristianismo. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

HOUSE, H. Wayne. O Jesus que nunca existiu. São Paulo: Hagnos, 2009.

KELLER, Timothy. A fé na era do ceticismo: como a razão explica Deus. São Paulo: Vida Nova, 2015.

MARKOS, Louis. Apologética cristã para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2013.

MCDOWELL, Josh. Novas evidências que demandam um veredito: evidência I e II. São Paulo: Hagnos, 2013.

MORELAND, J.P. Racionalidade da fé cristã: argumentos para sua defesa. São Paulo: Hagnos, 2013.

POLKINGHORNE, John. Explorando a realidade: o entrelaçamento de ciência e religião. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

SEGALLA, Giuseppe. A pesquisa do Jesus histórico. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

STROBEL, Lee. Em defesa de Cristo: Jornalista ex-ateu investiga as provas da existência de Cristo. São Paulo: Editora Vida, 2001.

WRIGHT, N.T. A ressurreição do Filho de Deus. Santo André e São Paulo: Academia Cristã e Paulus, 2013.